

ERA UMA VEZ: O CONTO DE FADAS E A CRIANÇA

Clarice Steil Siewert¹

Resumo:

Este artigo tem a proposta de discutir algumas características dos contos de fadas e sua relação com a psique infantil. Com base em autores como Bruno Bettelheim e Celso Gutfreind, levantam-se alguns pontos que fazem com que os contos de fadas possam ser instrumentos da psicoterapia infantil, além de ferramentas valiosas para pais e professores.

Palavras-chaves: Conto de fadas, clínica infantil, desenvolvimento psíquico

Introdução

A história da humanidade se fez assim: contando histórias. Elas foram passeando oralmente de cultura em cultura, se fixaram nas paredes, pedras, cavernas, e finalmente no papel. As histórias viraram letras e livros, e assim penetraram na vida das pessoas, recontando-as. É por mais visual e virtual que seja o mundo em que nos encontramos hoje, as histórias continuam fascinando adultos e crianças. É assim com o conto de fadas. A fascinação que eles causam nas crianças tem um valor muito importante, tem um valor terapêutico. É esse valor que se busca elucidar neste texto.

O poder dos contos de fadas na psique infantil foi estudado principalmente por Bruno Bettelheim, que com o seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, elucida como através dos contos de fadas, a criança pode trabalhar conteúdos inconscientes que muitas vezes não encontram vazão por meio da linguagem. Segundo BETTELHEIM (1980 : 14):

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais,

¹ Estudante do 5º. ano de Psicologia na Faculdade de Psicologia de Joinville, ACE. Artigo apresentado para o estágio supervisionado de clínica infantil, tendo como professor Júlio Schruber Júnior.

particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida em que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego.

Outro autor importante que estuda a importância dos contos de fadas na vida psíquica da criança é Celso Gutfreind, que realiza pesquisas importantes nessa área. Uma delas foi realizada em Paris, onde observou a evolução favorável da vida psíquica de crianças separadas de seus pais e vivendo em abrigos públicos. "As crianças apresentaram melhora evidente em seus transtornos de conduta, mostrando-se, após a intervenção, mais capazes de expressar, de diferentes formas, o intenso sofrimento resultante da separação". (GUTFREIND, 2004 : 25).

Na introdução da sua coletânea de contos de fadas comentados, TATAR (2004 : 10) comenta:

No curso das últimas décadas, os psicólogos infantis recorreram a contos de fadas como poderosos veículos terapêuticos para ajudar crianças e adultos a resolver seus problemas meditando sobre os dramas nele encenados. Cada texto se torna um instrumento facilitador, permitindo aos leitores enfrentar seus medos e desembaraçar-se de sentimentos hostis e desejos danosos. Ingressando no mundo da fantasia e da imaginação, crianças e adultos garantem para si um espaço seguro em que os medos podem ser confrontados, dominados e banidos. Além disso, a verdadeira magia do conto de fadas reside em sua capacidade de extrair prazer da dor. Dando vida às figuras sombrias de nossa imaginação como bicho-papões, bruxas, canibais, ogros e gigantes, os contos de fadas podem fazer aflorar o medo, mas no fim sempre proporcionam o prazer de vê-lo vencido.

Este artigo visa elencar as características dos contos de fadas trazidas por estes e outros autores, que os fazem importantes instrumentos para a identificação e elaboração de conflitos infantis.

O conto de fadas e a psique infantil

Mas como se dá essa interferência significativa que o conto realiza na mente da criança e até do adolescente? Primeiramente, podemos analisar o início do conto: "Era uma vez..." Essa proposição inicia colocando a criança num tempo indeterminado,

excluindo qualquer possibilidade daquela história ter realmente acontecido. Dessa forma, a criança livra-se da dureza da realidade, permitindo então o espaço para a imaginação. “Imaginando, ela pode brincar com temas próprios de sua realidade psíquica, por vezes difícil, como o amor, a morte, o medo, a rivalidade fraterna, a separação e o abandono”. (GUTFREIND, 2004 : 25).

Outro fator que ajuda a criança a afastar o conto da realidade é a metáfora. Ela suaviza a identificação da criança com o personagem que exprime os conflitos que a afligem no momento, sem, portanto, ameaçar a criança. Ela irá trabalhar seus conflitos de forma indireta, utilizando-se do enredo e dos personagens do conto. É um processo parecido ao que ocorre quando a criança brinca. Ela também se utiliza do simbólico para dar vida ao seu material mais arcaico ou sem nome, para seus medos primordiais. E é através do brincar da criança que se torna viável a psicoterapia infantil. Melanie Klein, através de sua técnica baseada no jogo,

pensa que a criança, ao brincar, vence realidades dolorosas e domina medos instintivos, projetando-os ao exterior nos brinquedos. Este mecanismo é possível, porque muito cedo tem a capacidade de simbolizar. [...] O brinquedo permite à criança vencer o medo aos objetos, assim como vencer o medo aos perigos internos; faz possível uma prova do mundo real, sendo por isso uma ‘ponte entre a fantasia e a realidade’. (KLEIN apud ABERASTURY, 1982 : 48).

Por se tratar de um mecanismo parecido com o brincar é que o fato de contar histórias tem ganhado espaço nos estudos da Psicologia. As histórias são instrumentos poderosos que podem ser utilizados na clínica infantil. GUTFREIND (2004 : 28), falando do conto como uma obra aberta e fonte de prazer, relaciona-o com o brincar ainda de uma outra forma: “[...] a fonte importante de seu potencial terapêutico parece vir de sua dimensão lúdica. Conto é também brinquedo. Diversão pura e simples, perda de tempo, descanso da realidade e todos esses aspectos fundamentais para que a criança consiga se desenvolver e elaborar-se.”

Os contos de fadas, a despeito de outros tipos de narrativas, possuem características que facilitam para que as crianças identifiquem seus conflitos. Tratam-se de histórias que possuem personagens sem muitos detalhes, sendo mais típicas do que únicas. A maioria dos contos não possui nomes de personagens, e se o possuem, são bastante genéricos, como João e Maria, facilitando a projeção.

Trabalham conflitos existenciais bastante pesados, como a morte e a separação, de forma categórica. “As estórias ‘fora de perigo’ não mencionam nem a morte nem o envelhecimento, os limites de nossa existência, nem o desejo pela vida eterna. O conto

de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos.” (BETTELHEIM, 1980 : 15).

Ainda se tratando dos conteúdos trazidos pelos contos de fadas, BETTELHEIM (1980 : 14) coloca que:

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

Para GUTFREIND (2004 : 26), os contos de fadas, assim como os mitos, contém o que ele chama de “motivos principais” das crianças: “[...] primeiro, o apego com seus cuidadores e, depois, os do desapego e da separação, processos que precisam ser bem elaborados ao longo da infância.”

É nesse ponto que os contos de fadas são muitas vezes contestados. Há uma crença ainda arraigada na mente do adulto de que não se podem trabalhar temas ‘pesados’ com as crianças. Não se pode falar de morte, nem de raiva, nem de separação. Foi a partir dessa crença que foram feitas muitas adaptações dos contos de fadas, destituindo-os de seu valor para a criança, que consiste na possibilidade de lidar com seus temores. Porém, é quando o conto fala de madrastas más, de maçãs envenenadas, de gigantes perigosos e de torres que se tornam celas é que a criança pode identificar seus conflitos.

BETTELHEIM (1980) relata o caso de um menino de cinco anos: a mãe trabalhava o dia todo, ele não tinha pai, e a avó que cuidava dele iria para o hospital. Neste momento de sua vida, o menino pediu para que lessem a história de Rapunzel, que é trancada numa torre por uma feiticeira e usa suas tranças para sair. Para ele, dois pontos nessa história foram importantes: a proteção (torre) trazida por uma mãe substituta (feiticeira) e o fato de que Rapunzel achou meios de escapar de sua condição em seu próprio corpo (as tranças). Dessa forma, o menino reassegurou-se de que, se necessário, encontraria similarmente a fonte de segurança no seu próprio corpo, lidando com seu conflito básico que era a falta de proteção e o medo de ficar sozinho.

GUTFREIND (2004) fala ainda da importância do final feliz que o conto de fadas possui. Segundo sua experiência clínica, crianças que estão em contato com os contos de fadas possuem maior habilidade para acrescentarem finais felizes ou melhores para os seus sonhos. Isso se dá através da evocação dos processos de reparação que o final feliz do conto oferece para a criança. Por isso, BETTELHEIM (1980) cita Lewis Carrol quando

este chama os contos de fadas de “presente de amor”, pois eles não fazem solicitações, mas dão esperança para o futuro.

Outra característica que se observa na relação da criança com o conto de fadas é a necessidade de se manter intacto o jeito de contar uma história. É fato que a criança, quando vai ouvir novamente uma história, acaba sempre corrigindo o adulto quando este muda a entonação, a voz ou algum detalhe da história. A criança precisa da repetição. Para GUTFREIND (2004 : 27), “Uma hipótese é que a estrutura narrativa – incluindo as palavras –, identificada como representativa daquela história, é a garantia de uma solução para o problema apresentado. Qualquer mudança poderia representar, então, uma séria ameaça.”

Deve-se estar atento quando uma criança pede para que se repita determinada história, não negando a ela esse direito. Essa determinada história provavelmente trata de questões com as quais a criança está lidando, e enquanto não se esgotar esse conflito, a criança irá procurar outra vez a mesma história para alcançar através dela o seu final feliz. Mas não é o adulto que deve tentar achar a história adequada para cada criança, pois só ela mesma é capaz de realizar a identificação do enredo com os seus conflitos.

BETTELHEIM (1980) ainda nos traz que a criança extrairá significados diferentes de uma mesma história, de acordo com o momento e os conflitos que atravessa. Segundo o autor, o adulto não deve explicar para a criança porque ela está maravilhada com determinado conto, porque além de tirar o encantamento da história:

As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido ou resolvido problemas pessoais por nossa própria conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros. (BETTELHEIM, 1980 : 27).

O conto também ajuda a criança a pensar, a verbalizar, através da habilidade de contar, de contar-se e perguntar. GUTFREIND (2004) fala dessa característica do conto, apontando-o como importante instrumento na clínica, servindo de mediador que irá substituir a agitação da criança por perguntas, reflexões e pensamento (junto ao sentimento).

O contar e o encontro

Mas o que este autor traz como sendo o ponto mais importante do conto, é a possibilidade de encontro que ele proporciona. Os pais, ou o terapeuta, contando histórias para a criança, realizam uma troca afetiva essencial para a criança. Para ele: “[...] contar histórias é interagir, ser olhado, ser tocado, decodificar gestos, utilizar o outro e esse espaço de intersubjetividade para a construção de si próprio.” (GUTFREIND, 2004 : 29).

BETTELHEIM (1980) também defende que os pais contem histórias para seus filhos. Para ele, quando a criança lê sozinha a história, ela pensa que só quem a escreveu pode compreendê-la, “Mas quando os pais contam-lhe a estória, a criança fica segura de que eles aprovam a retaliação feita em fantasia à ameaça que o domínio adulto implica.” BETTELHEIM (1980 : 36).

RADINO (2001), em seu artigo *Oralidade, um estado de escritura*, defende a necessidade de que os contos de fadas sejam contados, e não apenas lidos em livros. Ela analisa o uso dos contos de fadas na educação infantil, fazendo uma crítica ao Referencial Curricular para Educação Infantil (RCN) que, através de uma concepção preconceituosa da criança, prefere trabalhar no nível concreto da criança, e não no nível da fantasia. Ela coloca:

E as fadas? Parece que foram banidas do RCN. Os contos de fadas aparecem uma única vez, no final de uma série de sugestões, e entre parênteses. A ênfase é dada à leitura de textos curtos e realistas, como notícias, parlendas, bilhetes, embalagens, e não à literatura infantil. O aspecto lúdico aparece em um plano inferior, em detrimento de uma aquisição imediata de conhecimentos. Não é considerado o papel formativo dos contos de fadas ou de outras narrativas. O aspecto pedagógico dos contos de fadas é descartado por representar um processo mais lento e formativo, e não informativo e imediato. (RADINO, 2001).

TATAR (2004 : 12) também comenta sobre a importância que contar um conto de fadas pode ter para o relacionamento de crianças e adultos:

Por meio de histórias, adultos podem conversar com crianças sobre o que é importante em suas vidas, sobre questões que vão do medo do abandono e da morte a fantasias de vingança e triunfos que levam a finais “felizes para sempre”. Enquanto olham figuras, lêem episódios e viram páginas, adultos e crianças podem estabelecer o que a crítica cultural Ellen Handler-Spitz chama “leitura interativa”, diálogos que

ponderam os efeitos da história e oferecem orientação para o pensamento sobre assuntos similares do mundo real. Esse tipo de leitura pode assumir muitas feições diferentes: séria, brincalhona, meditativa, didática, empática ou intelectual.

Uma boa descrição de como as crianças lidam com os contos de fadas é trazida por Walter Benjamin em seu artigo *Livros Infantis Antigos e Esquecidos*. Para BENJAMIN (1985 : 237-238), as crianças:

[...] se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam – na construção de casas, na jardinagem, na carpintaria, na confecção de roupas. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos. O conto de fadas é uma dessas criações compostas de detritos – talvez a mais poderosa na vida espiritual da humanidade, surgida no processo de produção e decadência da saga. A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos.

Considerações finais

A literatura infantil tem perdido muito nos últimos tempos quando simplifica os enredos das histórias, subestimando a capacidade de compreensão das crianças e tentando ocultar temas “obscuros”, que não devem ocupar a mente dos pequenos. Porém, a partir de Freud, não se pode mais negar os conflitos que a psique infantil tem que enfrentar. O conto de fadas, assim como a brincadeira, é uma poderosa válvula de escape para que a criança possa enfrentar as dificuldades que ela nem sabe nomear. Através do conto, a criança dá um contorno para o seu conflito, superando-o. Resolução esta que não se dá pela via racional, pois a criança ainda não está cognitivamente pronta para lidar com esses conflitos como um adulto.

O conto de fadas é utilizado há bastante tempo nas escolas como instrumento pedagógico. Porém, na maioria das vezes, ele é preterido por outras formas de narrativa, devido à falta de atenção e importância que a escola dá para a questão lúdica e de criatividade da criança. Almejando uma educação padronizadora, a escola engessa o

poder imaginativo das crianças, trabalhando com histórias mais curtas e cheias de ilustrações, com a desculpa de que as crianças hoje em dia não têm mais paciência para histórias mais longas e profundas. Para RADINO (2001):

Ao mesmo tempo que divertem, os contos de fadas ensinam. Não um saber institucionalizado, mas uma sabedoria de vida: eles ajudam as crianças e os adultos a perceberem o mundo e prestam-se como suportes metafóricos para uma construção simbólica desse mundo. Dessa forma, os contos de fadas podem ser considerados um rico instrumento pedagógico que, além de prazeroso, auxilia no processo de simbolização.

Por ser uma ferramenta simbólica da criança, o conto pode também ser usado na clínica infantil. Além de funcionar como um elo entre a criança e o terapeuta, facilitando a relação, a criança poderá trazer o seu conflito interno de uma forma mais leve, sem pressões ou culpa. A criança poderá vencer o lobo, sem dizer nem saber conscientemente que esse lobo representa o seu pai nos seus conflitos.

Mas talvez o grande mérito de um livro de conto de fadas é a possibilidade que ele fornece para os pais interagirem com seus filhos. De um presente, ele pode virar um ritual de boa-noite, ou uma conversa no café da manhã. O ato de contar histórias é uma prática que se adotada, não beneficiaria somente a criança, mas também o adulto, que poderá resgatar a sua infância, que provavelmente também foi permeada por histórias... reais e de fadas.

Como no início dos tempos, o ser humano ainda fica extasiado com histórias fantásticas, e dessa forma, os contos de fadas são um bom investimento para pais, professores e terapeutas. A sua força está na ligação que eles têm com o nosso mundo interior:

Disseminados por diversas mídias – da ópera e do drama ao cinema e à publicidade - , os contos de fadas tornaram-se uma parte vital de nosso capital cultural. O que os mantém vivos e pulsando com vitalidade e variedade é exatamente o que mantém a vida vibrando: angústias, medos, desejos, romance, paixão e amor. (TATAR, 2004 : 15).

Finalmente, pode-se dizer que os contos de fadas são obras de arte, e como tais, oferecem alternativas para os seres humanos. Eduardo Galeano, em seu texto *A função da arte /1*, falando da arte, fala também do conto de fadas e nos dá a dimensão de sua utilidade em nossas vidas:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado

das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2000: 15).

Bibliografia:

ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1982.

BENJAMIN, Walter. Livros Infantis Antigos e Esquecidos in **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo : Brasiliense, 1985. Obras escolhidas, vol 1.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 3ª. edição, 1980.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre : L&PM, 2000.

GUTFREIND, Celso. Contos e desenvolvimento psíquico. **Revista Viver Mente & Cérebro**. Ano XIII, n. 142, nov 2004.

RADINO, Gloria. **Oralidade, um estado de escritura**. *Psicol. estud.* [online]. jul./dez. 2001, vol.6, no.2 [citado 16 Abril 2005], p.73-79. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000200010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-7372.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2004.